

Nas lamas da Manguetown

Renan Vinícius Alves Ramalho

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Na década de 90, a cidade do Recife presenciou o surgimento de uma nova forma de pensar a cultura local. Tendo por nome Mague Beat, tal movimento propôs a encarnação de um forte desejo de abertura do arcaísmo no qual, segundo estes, vivia a cultura pernambucana, para influências exógenas. Deste modo, estes artistas se inseriram no debate em torno dos discursos representacionais concernentes a regionalidade e identidades locais, genealogicamente ligados ao jogo de poder das elites políticas e produtoras que contribuíram para a gestação do território Nordeste ainda na década de 20. Por meio de novas paisagens (o mangue frente ao sertão; a cidade, ou manguetown, frente ao rural), novas estéticas sonoras (hibridações entre ritmos locais e rock, funk, hip-hop) e inspirados ainda pela produção literária de Josué de Castro, o Mangue Beat colocou em cheque os padrões culturais rígidos e estereotipados das representações tradicionais enrijecidas por uma economia simbólica tradicionalista.

Palavras Chave: Mangue beat; regionalidade; música

Na década de 90, a cidade do Recife presenciava o nascimento de uma nova maneira de fazer música; novidade esta que não estava no exotismo de seus ingredientes, mas na maneira de fazer o bolo. Combinavam-se elementos exógenos, misturas sacrílegas aos olhares mais tradicionais. Numa expressão comum ao movimento, tentava-se dar um “choque” na lama parada nas veias da cidade. Artistas como Chico Science e Fred Zero Quatro foram buscar nos ritmos tradicionais, tais como o maracatu, somando a eles estilos da música pop, rock e hip-hop, a inspiração para sua proposta. Este empreendimento agitou a cena local dando novo impulso aos artistas receptivos, e paralelamente, gerando um mal estar, sobretudo em movimentos como o Armorial, encabeçado por Ariano Suassuna, que abertamente fazia duras críticas ao Manguebeat veiculadas em jornais e entrevistas.

Nosso trabalho tem como recorte espacial principal a cidade do Recife e os espaços a ela ligados, como Olinda. Tais espaços, berço do movimento, possuem uma tradição enquanto polos da produção folclorista e dos esforços de construções identitárias do que se compreende enquanto Nordeste. Esta cidade, apesar de possuir a estrutura comum às capitais de médio porte, ainda define fortemente sua identidade por meio de uma tradição

que remete as práticas do campo: a estética, culinária e ritmos característicos do sertão – compreendido enquanto paisagem recortada e construída na definição de um espaço, ainda que artificialmente, tipicamente nordestino, fruto de uma generalização. Um pensamento de raízes que remontam a antiga elite açucareira, a qual definia o Nordeste enquanto espaço tradicional, é corporificado na cidade do Recife, que se coloca como centro dessa tradição mais ampla, por meio de ações que explicitaremos melhor a seguir.

Metaforicamente – retomando temas próprios ao movimento –, podemos dizer que os artistas do Manguebeat tentavam substituir a identificação da terra seca e rachada da representação do sertão, presa no passado, pela lama viscosa e rica em matéria apodrecida do mangue; dinâmica em seu ciclo vital de decomposição e geração de nutrientes, em renovação e transformação constante; organicamente ligada à cidade num processo de representação antropomórfica desta, na qual o mangue e os rios figuram o coração e as artérias do Recife semelhantemente às categorias literárias do romance de Josué de Castroⁱ, que servira de inspiração ao movimento.

O Manguebeat foi à decorrência do processo de criação de uma nova cena musical no Recife por jovens músicos movidos pela convicção de que a cidade passava por um processo de marasmo em sua produção cultural. Os motivos disto, segundo os mesmos, seriam fruto de políticas culturais limitadas, “folclorizantes”, e de uma forte concentração da mídia no tradicional eixo Rio-São Paulo. Em decorrência desse sentimento, iniciou-se um processo de produção e divulgação de novas criações musicais pop – tendo entre seus principais artistas e divulgadores Fred Zero Quatro, Chico Science, Renato Lins (Renato L.), Jorge Du Peixe, Helder Aragão (DJ Dolores), Herr Doktor Mabuse (codinome de José Carlos Arcoverde) e Xico Sá¹ –, recuperando, ao mesmo tempo, tradições musicais pernambucanas. Estes artistas definiam como uma ação coerente diante dos artistas tradicionais àquela que viabilizasse a divulgação destes para o grande público, ou deixar-se influenciar por suas produções, criando uma obra original, em vez de copiá-las. Tais ações geraram ecos estético-culturais no cinema, moda, artes plásticas, dança e literaturaⁱⁱ. O Manguebeat emergiu no início da década de 90 e até os dias atuais é possível observarmos artistas que produzem inspirados nesta proposta.

Tendo dito isto, acrescentamos que nosso texto, sendo parte de uma pesquisa que ainda se encontra em seu estágio inicial, fará, num primeiro momento, um breve

¹ Nota-s e que nem todos desses principais nomes eram músicos. Isto já aponta para a capacidade de divulgação e adesão da cena Mangue.

apanhado da bibliografia que elenca o problema da regionalidade nordestina, com a finalidade de compreender a especificidade do espaço em que se inseriu o Mangubeat, a saber, o Recife. Ainda num esforço bibliográfico, elencaremos, num segundo momento, obras que pensam a questão da cena Manguê, evidenciando de que forma elas discutem tal questão identitária, apontando usos e limites delas em relação a nossa perspectiva. Desta forma, o objetivo de nossa reflexão é compreender a viabilidade da inserção do tema nas discussões historiográficas e a fecundidade de suas relações com a espacialidade.

O presente trabalho se insere no contexto da História Cultural distanciando-se da pretensão de encontrar estruturas generalizantes ou pressupor definições do político enquanto nível mais globalizante da organização das sociedadesⁱⁱⁱ. Ou seja, pretende analisar os elementos aqui expostos em uma perspectiva que considera a natureza simbólica das relações humanas de modo a constituir uma visão cultural do social. Dessa forma, compreende que a realidade onde se esboçam as interações humanas é construída e simultaneamente mediada por representações aqui entendidas como “[...] esquemas intelectuais, que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado”^{iv}. Deste modo, o espaço não será percebido somente enquanto cenário ou realidade concreta no plano das relações, mas como parte integrante dos sentidos de produção.

Espaço da regionalidade

O discurso Mangubeat possui um laço forte com representações espaciais. Seu próprio nome, suas metáforas, a definição de seus objetivos, apontam para tais questões. O adepto do movimento seria o *manguêboy*, fruto deste solo, seja em uma relação orgânica ou por valoração. Seu emblema, *a antena parabólica fincada na lama*, representa a interação entre o local, o lugar, e o espaço amplo do globo; uma projeção e inter-relação do conhecido com o desconhecido. Seu objetivo, expresso no Manifesto Caranguejos com Cérebro^v de maneira metafórica, a saber, “injetar um pouco de energia na lama e estimular o que ainda resta de fertilidade nas veias do Recife”, coloca o estuário e seus rios em uma relação antropomorfa com a cidade. As relações às quais objetivamos perscrutar estão fortemente atreladas a essas discussões. Portanto, para uma compreensão adequada de nosso objeto, é fundamental pensarmos como o

movimento criava, recriava seu espaço e se relacionava com ele. Como mostraremos, tais representações estavam diretamente ligadas às noções de regionalidade.

Sendo assim, o primeiro autor que nos serve como referência é o Yi-Fu Tuan. Em sua obra *Espaço e Lugar*, ele define os *lugares*, diferenciando-os dos *espaços*, como “centros aos quais atribuímos valor e onde são satisfeitas as necessidades biológicas de comida, água, descanso e procriação”^{vi}; é o lugar do conhecido, familiar, do controle. O lugar do *mangueboy* é o mangue, e na lama dele se finca a parabólica que o abre pra amplidão do *espaço*. Este, por sua vez, sendo a porção do desconhecido – ainda que o conhecimento dos *lugares* também não seja exaustivo – se coloca enquanto porção privilegiada das elaborações míticas. Estes espaços míticos são definidos por Tuan enquanto “área imprecisa de conhecimento deficiente envolvendo o empiricamente conhecido”, emoldurando o espaço pragmático, ou ainda como “componente espacial de uma visão de mundo, a conceituação de valores locais por meio da qual as pessoas realizam suas atividades práticas”^{vii}.

O Manguebeat construiu e lidou a todo tempo com tais mitologias espaciais na idealização do espaço do mangue bem como na inserção dele no espaço da cidade e da região. Exemplo disto é o aspecto antropomorfo das descrições do mangue e da cidade – assim como pra Josué de Castro o mangue tinha cabelo verde, dentes e garras^{viii}, para o movimento, rios e mangues seriam como as veias de Recife, as quais estariam entupidas, carentes da injeção de energia do Manguebeat, que salvaria a cidade da suposta paralisação e falecimento cultural –. Semelhantemente, a inserção deste discurso na problemática da regionalidade pressupõe um jogo de representações deste espaço, assim, se inscrevendo em uma discussão que tem por base a definição estereotipada de uma zona de conhecimento impreciso; uma homogeneização e delimitação de um espaço; uma construção mítica – o Nordeste.

Como dito, Chico Science foi buscar inspirações para o movimento na obra de Josué de Castro, *Homens e Caranguejos*. Autor de *A Geografia da Fome* e escritor de vários títulos desde 1933, de Castro se inseria nos debates em torno da questão da fome e suas relações com a natureza, em geral defendendo que esta era um problema político-econômico e não apenas um flagelo natural. Neste ponto, ia de encontro com uma longa tradição que via as fronteiras do Nordeste, da seca e da fome como assunto de ordem evidentemente física, natural, sem compreender suas razões culturais e sócio-políticas.

Semelhantemente, o movimento mangue se inseriu nos debates a respeito de identidade e regionalidade e problemáticas sociais de seu tempo.

Nosso trabalho, apesar de possuir como foco principal o movimento Mangubeat, se insere na problemática das construções e representação do Nordeste. Sendo assim, primeiramente, iniciaremos nossa discussão pelas obras que apontam para o itinerário que nos servirá de base ao pensarmos a regionalidade, no contexto da própria invenção das regiões e sua inserção no território nacional, através de autores cujo esforço foi o de desnaturalizar tais compreensões. Assim, remontamos a uma tradição historiográfica que investiga a problemática do Nordeste enquanto desdobramento de uma antiga compreensão de Norte no início do século XX – e este enquanto produto inserido nas questões identitárias do final do XIX. Ainda que tais obras tratem de temporalidades anteriores a aqui analisada, elas são subsídios fundamentais para pensar nosso objeto em relação à natureza de seu contexto.

Tentando nos situar neste itinerário, faremos um breve apanhado do que esta tradição historiográfica compreende em relação à problemática da regionalidade –naturalmente, não pressupondo uma linearidade, mas percebendo seu caráter de construção inerente às categorias de definições espaciais. Deste modo perseguiremos a noção de que o Recife, cenário do Mangue, se coloca enquanto território privilegiado em relação à questão da regionalidade.

Lembremos primeiramente o trabalho de Evaldo Cabral de Melo^{ix}. Tal autor coloca a impossibilidade de pensarmos a existência de qualquer sentimento identitário, local ou regional, até a metade do século XIX. Até este momento seria possível falar somente em “nativismo”, sentimento este que se limitaria a uma aversão ao colonizador. A própria instalação da corte no Brasil seria compreendida enquanto continuidade da dominação – em decorrência disto haveria as revoltas pernambucanas e as agitações do Rio Grande do Sul. Nas palavras de Rosa Maria Godoy Silveira, autora que se aproxima a esta compreensão, “a unidade nacional seria um projeto construído ao longo do Império, pois nesse momento ela não existia, exceto quanto ao ideal comum de separação em relação a Portugal”^x.

Estes dois autores, Melo e Godoy, colocam a década de 70 do século XIX como período de emergência da idéia de região. A crise mundial do século XIX afetou de

maneira bastante intensa as elites agrárias situadas ao norte do Brasil. Neste momento a elite açucareira, ligada à exportação, se via a margem dos esforços do Estado, uma vez que este continuava a investir no café, mesmo em um momento de escassez do açúcar. A partir deste momento cria-se uma lógica da diferenciação, ou seja, aqueles que se sentiam desprestigiados, as elites nortistas, iniciam um processo de identificação e, por consequência, construção de alteridades, reforçando a assertiva de que não é possível falar de Nordeste sem antes compreender a região que a gerou: o Norte do século XIX.

Adensando esta discussão, Peter Eisenberg^{xi} trata das questões internacionais que influenciaram o arregimento da elite açucareira. No contexto da crise já citada, o Brasil perdera sua posição entre os principais produtores e exportadores mundiais de açúcar. O açúcar de beterraba começa a ser produzido na Europa, acabando com a dependência do açúcar brasileiro. Na América, Cuba e Argentina emergem com a produção de um açúcar de melhor qualidade, decorrente de um processo mais moderno de fabricação, o que resulta em um quadro desfavorável para a comercialização na América latina. Os Estados Unidos, após a guerra contra a Espanha, passam a utilizar Cuba como seu único fornecedor. Diante desta conjuntura, restou à elite açucareira do Norte apenas o mercado interno, que ainda assim era ameaçado pela oferta do açúcar da Argentina. Surge então, a necessidade das elites de se unirem em torno da construção de um projeto de resistência às condições do mercado internacional, visando impedir que o açúcar estrangeiro viesse competir com o produto nacional ou que fosse produzido em outros locais do Brasil, utilizando, inclusive, políticas protecionistas. Tais questões se traduziram num plano comercial e político no sentido da ação institucional. Com isto, esta elite mantinha sua sobrevivência sendo possível ainda a regalia de não ser necessário modernizar seus organismos produtores com custos inerentes. Nascia assim um sentido regional definida por Godoy como *nortismo*. A autora ainda aponta para uma proeminência da cidade do Recife, e sua elite correspondente, em relação às demais, o que gerara um sentimento localista, o *pernambucanismo*,^{xii} paralelamente ao regionalismo nortista.

Eisenberg coloca que o Nordeste surge da complexificação da noção de norte na década de 20. A respeito desta década, Neroaldo Pontes^{xiii} – partindo de uma premissa que elencava a cultura como elemento necessário à compreensão do processo que resultaria no Nordeste – ao tratar a questão do modernismo e regionalismo, demonstra uma peculiaridade da cidade do Recife. No contexto republicano, diante da necessidade de acesso ao governo do estado, etapa à projeção na política nacional, duas facções e

seus respectivos projetos identitários se confrontavam. A primeira possuía o apoio do governo federal na figura do presidente paraibano Epiácio Pessoa; seu projeto se definia enquanto uma proposta do novo e se ligavam ao movimento cultural modernista. Do outro lado, no que o autor define como *passadismo*, havia a resposta do grupo que ressaltava a importância das raízes, da ligação com o passado. Na visão destes, o Nordeste – visto metaforicamente em seu centro: Recife – compreendido enquanto espaço das tradições, seria vítima de uma intromissão indevida por parte do governo central. Da mesma forma que o primeiro grupo tinha vínculos com um movimento cultural, o *modernismo*, os passadistas também se relacionavam paralelamente com produções artísticas e intelectuais, possuindo dentre seus contribuidores nomes como os de: Gilberto Freire, Oliveira Lima e José Lins do Rego.

A regionalidade nordestina, e por consequência a estatualidade pernambucana, é um constructo elaborado e reelaborado de acordo com os interesses daqueles que o produzem^{xiv}. Dessa formas, notamos que tais personagens passadistas e seus sucessores construíram vasta tradição na cultura recifense, e que tal construção foi acolhida por mecanismos institucionais que a pulverizaram. Cientes disto, torna-se necessário levarmos em conta tal realidade para compreendermos o contexto que se insere o movimento Mangue. Essa necessidade se acentua, sobretudo, no tocante ao confronto entre as representações do espaço e estética musical do Manguebeat e o regionalismo tradicionalista. Diante dessas questões é que o Manguebeat surge enquanto movimento contrário ao engessamento e fechamento das formas tradicionais e locais, de modo a se aproximar delas incorporando elementos culturais de outros tempos e espaços. A esse respeito, Fred Zero 4, membro da banda Mundo Livre S.A., afirma que o movimento tinha a intenção de:

Quebrar essa visão que se tinha do Nordeste, aquela coisa de exotismo, sem considerar que a gente morava em uma cidade totalmente economicamente degradada, onde mais de 50% de moradias são favelas, sem saneamento básico e ficam falando de seca! A ruptura foi isso: tentar quebrar essa coisa ruralista que era exclusivamente a marca do folclore do Nordeste, de enfatizar a sua paisagem exótica. O punk, o rap e o hip-hop contribuíram para que o Mangue representasse essa ruptura, no sentido de quebrar um ciclo do exótico, do folclore e do popularesco^{xv}.

Manguebeat em questão

Em relação mais precisa à questão do Mangubeat, a historiografia é carente em referências, não havendo neste campo grande número de obra expressiva de nosso conhecimento. A respeito de outras disciplinas, encontramos trabalhos em maior quantidade e extensão nas áreas de Comunicação e Letras, naturalmente possuindo objetivos diversos do nosso. Prosseguiremos nossa análise a partir deles explicitando nossas escolhas e seus limites.

Neste sentido a primeira obra que elencamos foi *Musica e Simbolização* de Rejane Markman. Este livro foi produzido a partir da tese desenvolvida em curso de doutorado realizado na Facultad de Comunicación Social da Univerdidad Autónoma de Barcelona (UAB), defendida em 2003. Segundo a autora, este foi o local em que foram desenvolvidas suas pesquisas teóricas, enquanto suas pesquisas empíricas foram feitas na cidade do Recife. A importância deste trabalho se dá devido à proximidade da autora com os personagens do movimento, nos fornecendo pistas para a compreensão da racionalidade intrínseca ao Mangubeat. Isso é atestado desde o prefácio, que é de autoria de Renato Lins – jornalista do Diário de Pernambuco (onde foram travados vários debates sobre o tema) e atualmente Secretário da Cultura em Recife, possui a insígnia de ter sido um dos idealizadores do Mangubeat e quem conferiu o apelido ao artista mais emblemático do movimento, Chico Science^{xvi}.

Neste livro a autora se propõe a construir uma análise do Mangubeat dentro de uma perspectiva de transculturalidade e hibridação em um contexto pós-moderno. No primeiro capítulo ela associa o movimento ao conceito de contracultura, numa tentativa de estabelecer uma continuidade com a cultura *hippie*, *punk*, e *beats*. A nosso ver este momento é permeado por algumas simplificações e anacronismos que destoam com a perspectiva historiográfica. Entretanto, entendemos que as preocupações da autora e seu campo são outras, e que, grosso modo, tais movimentos possuem semelhanças estéticas e em sua postura antagônica frente aos mais tradicionais. Em todo caso, é o tópico *A formação da cultura brasileira*, do segundo capítulo – no qual a autora tenta demonstrar o contexto cultural em que o Mangubeat se insere – que desarmoniza drasticamente com a nossa perspectiva. Neste momento a autora se vale, por exemplo do que se convencionou chamar de mito das três raças, tendo por fundamento a obra de Darcy Ribeiro. Em sua compreensão da problemática da regionalidade encontramos ideias como:

O Brasil tem regiões bem delimitadas. Essas, por seu clima e características geográficas tão diversas, deram lugar ao surgimento de formas de exploração econômica que determinaram diferentes níveis de desenvolvimento regionais^{xvii}.

De modo a tomar as fronteiras regionais como evidências claras que separam regiões homogêneas em si e diversas das demais; naturalizadas a partir do clima e características geográficas; não acompanhando a presente discussão a respeito da formação da regionalidade. Neste sentido, segundo a autora, cada região seria parte de uma

Cultura única constituída por um mosaico de peças diferentes integradas a uma só unidade: a cultura brasileira”. [que mantém] “traços gerais comuns: um único idioma, paixão pelo Carnaval e pelo futebol, e uma maneira informal de relacionar-se socialmente”^{xviii}.

Definição que se assemelham as produções do IHGB no início da República, reelaboradas pelo senso comum. Uma vez que nosso trabalho se insere na problemática da regionalidade e nacionalidade em suas operações, tal percepção nos parece limitante.

Outro autor que elencamos é Moisés Neto^{xix}. Dramaturgo, escritor e mestre em Teoria da Literatura pela UFPE, em sua obra *Chico Science: a Rapsódia Afrociberdelica*, Neto contextualiza a leitura do criador do conceito Manguebeat, Chico Science, demarcando sua relação com o campo da literatura. Uma vez que nossa compreensão de regionalidade se filia a autores que percebem a natureza de sua construção por meio de uma operação ligada a um projeto cultural; cientes ainda que, dentre esses autores, Neroaldo Pontes ressalta a importância de se pensar a peculiaridade da Cidade do Recife no que se refere ao embate modernismo versus passadismos, possuindo desdobramentos que se refletem em uma tradição literária; e, por fim, sabendo que tais discursos foram passíveis de invenções e reinvenções de acordo com as necessidades que se inscreveram no discurso da regionalidade, tal abordagem nos parece útil ao pensar as relações do Manguebeat com o campo da literatura.

Por fim, temos a obra de Herom Vargas *Hibridismos musicais de Chico Science e Nação Zumbi*^{xx}. Vargas Possui graduação em História, mestrado e doutorado em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP (2003). Atualmente é professor titular do Programa de Mestrado em Comunicação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS) e professor titular da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Lidera o grupo de pesquisa Música, Cultura e Linguagens da Mídia. É membro seção latino - americana da International Association for Study of Popular Music. Neste livro o autor

analisa o movimento em uma perspectiva de hibridação pensada dentro de um contexto que associa esta dinâmica às relações interculturais latino-americanas. Sua contribuição para nosso trabalho se deve ao fato de que o autor se propõe – talvez por sua formação, ainda que esse livro tenha sido fruto de tese em Comunicação e Semiótica – a construir um panorama histórico do que foi o movimento Mangue, sendo um possível auxílio no processo de enquadramento da historicidade de nossa narrativa.

Outra contribuição sobremodo importante é o fato que o autor se propõe a investigar uma postura tradicionalista em vigor em Recife, remontando seu itinerário desde intelectuais como Mário de Andrade e Gilberto Freyre. Neste ponto, Vargas investiga como esta visão tradicionalista fora *tornada* oficial com a participação de Suassuna em diversos órgãos e cargos de governo em Pernambuco². Investiga ainda sua permanência nos mecanismos institucionais quando na década de 1990, como secretário de cultura negou auxílio de verba pública ao movimento Mangue. Ainda que dentro de nossa compreensão histórica saibamos que a integração entre política oficial e cultura, no que tange a construção da nordestinidade, não tenha se inaugurado com a participação de Ariano Suassuna, esta análise contribuirá para a investigação das relações entre os centros de produção cultural com os centros institucionais, uma vez que entendemos que tal relação se liga intimamente com a produção da regionalidade. Diante disto, percebemos que nossa pesquisa se mostra relevante ao inserir a perspectiva do espaço e sua construção na problemática das relações entre Manguebeat e a regionalidade tradicionalista.

Para compreendermos isto, ou seja, a disputa de representações do espaço e da cultura recifense atrelada ao constructo da regionalidade, assim como as novas estratégias de subjetivações decorrentes disto, façamos uso das categorias de Homik Bhabha^{xxi}. Tal autor faz uma análise dos intercâmbios de valores e culturas num contexto que ele define enquanto:

“fronteiras do presente, para as quais não parece haver nome próprio além do atual e controvertido deslizamento do ‘pós’: *pós-modernismo, pós-colonialismo, pós feminismo*[...] O ‘além’ não é nem um novo horizonte, nem um abandono do passado” .^{xxii}

² Achamos difícil demarcar um início da associação da identidade regional com o poder oficial em Suassuna, entretanto percebemos que ele foi uma figura que dialogou com esses campos.

Desta forma, os mitos de início e fim, de superação total ou de invenção completa e original são postos em cheque. Paralelamente, o autor utiliza o conceito de “entrelugares”, o que ele coloca como decorrência de um processo de:

“afastamento das singularidades de “classe” ou “gênero” como categorias conceituais básicas [que] resultou em uma consciência das posições do sujeito – de raça, gênero, geração, local institucional, localidade geopolítica, orientação sexual – que habitam qualquer pretensão à identidade no mundo moderno”^{xxiii}

Ou seja, a complexificação das estratégias de subjetivação decorrentes da desconstrução das definições simples e binárias.

No tocante a presente problemática, tais conceitos são bastante úteis se levarmos em conta dois aspectos referentes aos elementos agregados na formulação da estética sonora e visual do Mangubeat. O movimento utilizou elementos da tradição local, mesmo se colocando numa posição oposta em relação ao tradicionalismo, combinando-os àqueles comuns à cultura pop internacional. Ou seja, estando na fronteira do presente, o Mangubeat, ainda que conflitante com os movimentos folcloristas, que postulavam uma cultura engessada, não se colocava nem enquanto proposta substitutiva dos elementos tradicionais por completo, nem pretendia limitar-se a eles, num processo em que o resultado não é igual à soma das partes, mas que vive na tenção do meio, “em um hibridismo cultural que acolhe a diferença sem uma hierarquia suposta ou imposta”^{xxiv}.

Considerações finais

Na primeira parte de nosso texto, elencamos toda uma tradição historiográfica que se preocupou com a construção da regionalidade nordestina. Através da explicitação dos desdobramentos das questões que envolveram a elite agrária em mais de um momento da história brasileira, fomos capazes de perceber a relação intrínseca entre os mecanismos representacionais e as necessidades específicas de certos grupos. Especificamos, com a finalidade de entender as particularidades do caso em questão, a peculiaridade da cidade do Recife no processo de construção da identidade nordestina, destacando sua posição proeminente no momento de construção da regionalidade. Mostramos então que a compreensão das relações do mangu com a cultura local só é possível a partir de tais pressupostos, de modo a avultar a importância da reflexão histórica diante deste problema. Por fim, aplicamos esta bagagem aos exemplos de

produção bibliográfica mais específicas ao Manguebeat, de modo a confrontar o conhecimento histórico sobre a regionalidade e as reflexões correntes que se fazem a partir da cena Mangue.

Como pôde ser demonstrado, o processo desencadeado pelo Manguebeat na forma de produção artístico-cultural, bem como as discussões em torno da identidade, é terreno fértil para reflexão historiográfica. Ainda que se trate de um tema da história presente, liga-se a questões que foram amplamente debatidas por nosso campo de modo a estarmos certos da fecundidade do tema.

BIBLIOGRAFIA:

Fontes:

QUATRO, Fred Zero. **Manifesto Mangue 1: Caranguejos com Cérebro**. Disponível em: <<http://manguebeat.forumeiros.com/t2-manifesto-mangue-1-caranguejos-com-cerebro>>. Acesso em: 21 dez. 2011.

QUATRO, Zero; LINS, Renato. **Manifesto Mangue 2: Quanto vale uma vida**. Disponível em: <<http://manguebeat.forumeiros.com/t3-manifesto-mangue-2-quanto-vale-uma-vida>>. Acesso em: 21 dez. 2011.

REVISTA POP ROCK: a história. Brasil: Caras.

Arquivo do *Diário de Pernambuco*.

Bibliografia:

ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 2ª edição. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

AZEVÊDO, Neroaldo Pontes de. **Modernismo e regionalismo: os anos 20 em Pernambuco**. João Pessoa: Secretaria de Educação e Cultura da Paraíba, 1984.

BHABHA, Homi K.. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da Ufmg, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção: crítica social do julgamento**. Porto Alegre: Editora Zouk, 2007.

CASTRO, Josué de. **Homens e Carangueijos**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1967.

CHARTIER, Roger. **À Beira da Falésia: A história entre incertezas e inquietude**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural – entre práticas e representações**, Lisboa: DIFEL, 1990

EISENBERG, Peter L. **Modernização Sem Mudança**: a Indústria Açucareira em Pernambuco. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

MARCUS, Greil. **Like a Rolling stone**: Bob Dylan na encruzilhada. São Paulo: Companhia Das Letras, 2010.

MARKMAN, Rejane Sá. **Música e simbolização**: contracultura em versão cabocla. São Paulo: Annablume, 2007.

MELLO, Evaldo Cabral de. **O Norte Agrário e o Império**, 1871-1889. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999. 2ª edição revista.

NETO, Moisés. **Chico Science**: a rapsódia afrociberdélca. Recife: Editora Livro Rápido, 2001.

AZEVÊDO, Neroaldo Pontes de. **Modernismo e regionalismo**: os anos 20 em Pernambuco. João Pessoa: UFPB, Editora Universitária, 1996.

SCHAMA, Simon. **Paisagem e memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SHILS, Edward. **Centro e periferia**. Lisboa: Difel, 1992.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. **O Regionalismo Nordestido**: Existência e Consciência da Desigualdade Regional. São Paulo: Editora Moderna, 1984.

VARGAS, Heron. **Hibridismos musicais de chico science e nação zumbi**: Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

ⁱ CASTRO, Josué de. **Homens e Carangueijos**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1967.

ⁱⁱ VARGAS, Heron. **Hibridismos musicais de chico science e nação zumbi**: Cotia: Ateliê Editorial, 2007, p.17

ⁱⁱⁱ CHARTIER, Roger. **À Beira da Falésia**: A história entre incertezas e inquietude. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002, p. 64.

^{iv} _____. **A História Cultural – entre práticas e representações**, Lisboa: DIFEL, 1990, p 17.

^v QUATRO, Fred Zero. **Caranguejos com Cérebro**. Disponível em:
<<http://www.fafich.ufmg.br/manifestoa/pdf/caranguejos>>. Acesso em: 20 dez. 2012.

^{vi} TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983, p. 4.

^{vii} Ibidem, p. 97.

^{viii} CASTRO, Josué de. **Homens e Carangueijos**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1967, p. 14.

^{ix} MELLO, Evaldo Cabral de. **O Norte Agrário e o Império**, 1871-1889. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999. 2ª edição revista.

^x SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. **O Regionalismo Nordestido**: Existência e Consciência da Desigualdade Regional. São Paulo: Editora Moderna, 1984, p.150.

-
- ^{xi} Eisenberg, Peter L. **Modernização Sem Mudança**: a Indústria Açucareira em Pernambuco. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- ^{xii} SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. **O Regionalismo Nordestino**: Existência e Consciência da Desigualdade Regional. São Paulo: Editora Moderna, 1984, p.154. AZEVÊDO, Neroaldo Pontes de. **Modernismo e regionalismo**: os anos 20 em Pernambuco. João Pessoa: UFPB, Editora Universitária, 1996.
- ^{xiii} AZEVÊDO, Neroaldo Pontes de. **Modernismo e regionalismo**: os anos 20 em Pernambuco. João Pessoa: UFPB, Editora Universitária, 1996.
- ^{xiv} A esse respeito ver: ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 2ª edição. São Paulo: Cortez Editora, 2001.
- ^{xv} MARKMAN, Rejane Sá. **Música e simbolização**: contracultura em versão cabocla. São Paulo: Annablume, 2007, p.171.
- ^{xvi} NETO, Moisés. **Chico Science**: a rapsódia afroiberdéliica. Recife: Editora Livro Rápido, 2001, p. 14.
- ^{xvii} MARKMAN, Rejane Sá. **Música e simbolização**: contracultura em versão cabocla. São Paulo: Annablume, 2007, p. 77.
- ^{xviii} *Ibidem*, p. 79.
- ^{xix} NETO, Moisés. **Chico Science**: a rapsódia afroiberdéliica. Recife: Editora Livro Rápido, 2001
- ^{xx} VARGAS, Heron. **Hibridismos musicais de chico science e nação zumbi**: Cotia: Ateliê Editorial, 2007.
- ^{xxi} BHABHA, Homi K.. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da Ufmg, 2003.
- ^{xxii} *Ibidem*, p. 19.
- ^{xxiii} *Idem*.
- ^{xxiv} BHABHA, Homi K.. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da Ufmg, 2003, p.22.